UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS

MARIANA DA SILVA FRAUCHES

UM INCÔMODO NACIONAL:
Análise das metáforas em quatro novelas de *La préférence nationale* de Fatou Diome

Monografia de Conclusão de Curso

JUIZ DE FORA
2021

MARIANA DA SILVA FRAUCHES

UM INCÔMODO NACIONAL:
Análise das metáforas em quatro novelas de *La préférence nationale* de Fatou Diome

Monografia de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Bacharelado-Letras (Enfâse em Francês)
da Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito para obtenção de título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Murad Machado

JUIZ DE FORA, 17 de março de 2021

MARIANA DA SILVA FRAUCHES

UM INCÔMODO NACIONAL:

Análise das metáforas em quatro novelas de *La préférence nationale* de Fatou Diome

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
ao curso de Bacharelado-Letras (Enfâse em Francês)
da Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito para obtenção de título de Bacharel em Tradução.
Juiz de Fora, 2021

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Murad Machado

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Fernanda Murad Machado
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Dra. Cristina Ribeiro Villaça
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes
Universidade Federal de Juiz de Fora

JUIZ DE FORA
2021

A todos que se propuseram a me ouvir em momentos difíceis, família, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora que me auxiliou durante todo o processo da pesquisa.

À banca que aceitou prontamente julgar e oferecer valiosos comentários para esta pesquisa.

RESUMO

Nesta pesquisa, propomo-nos a oferecer uma análise para 16 trechos de quatro novelas da obra inaugural *La préférence nationale et autres nouvelles* (2001) da franco-senegalesa Fatou Diome. Utilizamos o aporte teórico da teoria do sentido de Lederer ([1994] 2015) e o da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson ([1980] 1984). Nossa tradução tem enfoque na transmissão do sentido e efeito que a autora utiliza para fazer observações críticas sobre as sociedades (senegalesa e francesa). Dividimos os usos metafóricos em 4 categorias (Cultura, Objeto, Natureza e Corpo) nas quais nos propomos a responder à questão de como a autora utiliza domínios diferentes da experiência para criar tais críticas e como podemos transmitir seu sentido e efeito na língua de chegada (português). Como conclusão apresentamos o resultado da reflexão sobre os efeitos e o sentido dos usos metafóricos de cada trecho selecionado e, a partir desta reflexão, esperamos ter atingido uma tradução idiomática e contextualizada.

Palavras-chave: Tradução literária. Teoria do sentido. Teoria da metáfora conceptual. Novela francófona africana. Fatou Diome.

RESUME

Dans cette recherche, nous visons à faire une analyse des 16 fragments de quatre nouvelles de l'oeuvre inaugurale de la franco-sénégalaise Fatou Diome. Nous utilisons l'apport théorique de la théorie du sens de Lederer ([1994] 2015) et celui de la théorie de la métaphore conceptuelle de Lakoff et Johnson ([1980] 1984). Notre traduction privilegie la transmission du sens et l'effet que l'auteur utilise pour faire des remarques critiques aux sociétés (sénégalaise et française). Nous avons divisé les emplois métaphoriques dans 4 catégories (Culture, Objet, Nature et Corps) à partir lesquelles nous cherchons à repondre comment l'auteur utilise des domaines différents de l'expérience pour réaliser ces critiques et comment nous pouvons transmettre leur sens et leur effet dans la langue d'arrivée (le portugais). Comme conclusion, nous

présentons le résultat de la refléxion sur les effets et le sens des emplois métaphoriques de chaque fragment sélectionné et, a partir de cette réflection, nous esperons arriver à une traduction idiomatique et contextualisée.

Mots-clés : Traduction littéraire. Théorie du sens. Théorie de la métaphore conceptuelle. Nouvelle africaine francophone. Fatou Diome.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 13

3 "POR QUE *NOUVELLES*?" 18

4 FATOU DIOME: VIDA E PRODUÇÃO 22

5 ANÁLISE 26

5.1 Cultura 27

5.2 Objeto 32

5.3 Natureza 36

5.4 Corpo 40

CONCLUSÃO 43

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso da Graduação em Letras (Bacharelado-Francês) se propõe a tecer uma análise das metáforas, incluindo expressões proverbiais, em quatro novelas de *La Préférence Nationale et autres nouvelles* (2001), obra inaugural da franco-senegalesa Fatou Diome.

Objetivamos com o aporte teórico da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson ([1980]1984) e da teoria do sentido de Lederer ([1994] 2015) compreender o texto e efetuar uma tradução que transmita o sentido presente nos trechos.

Escolhemos analisar as metáforas de apenas quatro novelas da obra em oposição às seis, pois interpretamos que existe, nas quatro, uma dicotomia complexa África-Europa agindo como elemento conflituoso para as protagonistas. As novelas em questão são: "La mendiante et l'écolière"/A mendiga e a estudante (p. 13-35), "Mariage volé"/Matrimônio Roubado (p. 39-57), "Cunégonde à la bibliothèque"/Cunegundes na biblioteca (p. 83-94) e "La préférence nationale"/A preferência nacional (p. 99-111).

Esse eixo de conflito está presente, nas duas primeiras novelas, nas quais a ação está localizada no Senegal, mas ambas as protagonistas estão inseridas em um sistema escolar francês. Referimo-nos à escola próxima à casa da personagem Codou e ao *baccalauréat*.

Nas duas seguintes, a ação se encontra em Estrasburgo, mas há referências à África: na primeira, o monólogo que reflete sobre a atuação dos *Tirailleurs Sénégalais*[1] e na segunda, as memórias da infância, com a avó, que invadem a protagonista.

Nas duas novelas não abordadas nesta pesquisa – "Le Visage de L'Emploi" (p. 61-78) e "Le Dîner du Professeur" (p. 115-123) –, Fatou utiliza referências e constrói imagens focadas na cultura e tradição europeia, o jogo entre os dois espectros se mostra menos presente. Apesar de a África aparecer em alguns referentes e nas menções à pele da protagonista, identificamos as metáforas que comparam os dois eixos como sendo mais centrais nas quatro novelas já citadas.

Em sua obra a autora busca retratar questões atuais como a imigração no eixo África-Europa, a relação empregado-empregador dos imigrantes e principalmente as

[1] Africanos que participaram na segunda Guerra Mundial originários de grupo étnicos diversos, mas chamados de senegaleses como se fossem um grupo homogêneo.

diversas formas de violência que as protagonistas sem nome vivem em situações cotidianas diversas.

Na novela “La mendiante et l'écolière”, é narrado o cotidiano da estudante vivendo com uma família poligâmica sem muito afeto. O enredo gira em torno do relacionamento abusivo com o chefe de família Pa-dioulé e o relacionamento afetuoso com a mendiga Codou. Em “Mariage volé”, mergulhamos no duplo mundo da estudante que se prepara para o exame do *baccalauréat*[2] e que tem a ilusão de casar-se com o examinador, misturando a realidade do casamento que presencia antes do exame e seus devaneios. Já na novela homônima à obra “La préférence nationale”, vivenciamos as tentativas da imigrante em busca de um emprego, em Estrasburgo, negado a cada vez por sua cor da pele. Finalmente em “Cunégonde à la bibliothèque”, somos apresentados à apelidada Cunegundes, a faxineira do casal Dupior, que busca sua voz perante abusos sucessivos de seus patrões.

Esse trabalho começou com a ideia de analisar aspectos relacionados a escolhas linguísticas como o *tu/vous*, mas percebemos que essa questão era pertinente em apenas alguns momentos, principalmente, na novela “Le visage de l'emploi” com a quebra de polidez quando a Sra. Dupont trata a nova faxineira com o “tu” e o pronome tônico “toi” no lugar do já citado pronome pessoal: “Toi savoir allumer vidéo?” (DIOME, 2001, p. 74) (Você saber ligar vídeo) (MACHADO, 2015, p. 252). Com isso, Fatou constrói uma situação em que a patroa utiliza a linguagem para diminuir a personagem. Aqui temos um fenômeno específico e central dessa novela.

Decidimos analisar as metáforas pela dificuldade que elas apresentam para o tradutor, principalmente o iniciante e pelo direcionamento da pesquisa que nos levou da semântica à teoria da metáfora conceptual de George Lakoff e Mark Johnson.

Optamos por analisar apenas as traduções das metáforas de quatro novelas, porém quando houver sobreposição de outras figuras — que realçam o tom crítico e sarcástico geral da obra — faremos comentários sobre elas, pois é importante para transmitirmos de forma integral o efeito que as imagens têm no trecho e no texto em sua totalidade.

Agora me permitirei utilizar a primeira pessoa para descrever algumas experiências

[2] Exame que permite ingresso ao ensino superior.

relacionadas ao universo da francofonia africana relevantes para a pesquisa.

Um contato primordial com a obra de Fatou foi o artigo desenvolvido como avaliação no contexto da disciplina Estudos Contemporâneos da Tradução[3], no qual desenvolvi uma análise dos adjetivos em *La préférence nationale.* Com esse artigo pude ter um primeiro contato com bibliografia sobre a literatura francófona africana e reflexões sobre a tradução que me auxiliaram no presente trabalho.

Outro contato que reforçou o interesse em analisar metáforas foi a conversa que pude vivenciar com o *djeli,* contador de narrativas tradicionais africanas, Toumani Kouyaté, no contexto da oficina[4] de Oralidade e Escrita nas Literaturas Africanas Francófonas. Kouyaté vem de uma família de contadores de Burkina Faso – no Oeste africano, mesma região do país de origem de Fatou Diome.

Foi oferecida a oportunidade de ouvir pessoalmente de um agente mantenedor da cultura oral africana a narrativa de *Kaïdara* transcrita por Amadou Hampâté Bâ (1994). De forma breve, essa narrativa iniciática conta a história da passagem de três caçadores por diversas provas para adentrar o país de Kaïdara, repleto de mistérios.

Cada uma das provas aparecia na forma de um símbolo, por vezes, animal, como o camaleão que pisa com cuidado e sabedoria, por vezes inanimado, como a árvore que se desfolha a cada vez que um dos caçadores decide se abrigar em sua sombra. Assim, uma das questões em destaque é o papel simbólico e metafórico de cada um dos símbolos, construídos a partir da experiência do povo fula (localizado na África Ocidental).

Na conversa, pude acessar alguns desses símbolos, ainda que de maneira diferente da necessária a alguém que deseja se especializar para retransmitir esse conto iniciático a outros. Muitos desses símbolos não apenas conversam com a tradição do povo fula, mas também podem conversar com valores universais com os quais estou, como ocidental, mais acostumada. Assim como na obra de Fatou, através das metáforas esse conto iniciático se questiona sobre a vida e tenta compreendê-la.

---

[3] Disciplina ministrada no período de 2019/3 no âmbito do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DLEM - Curso de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda.

[4] Oficina oferecida no período 2020/2 pela Profa. Dra. Fernanda Murad no âmbito do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DLEM – Curso de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Começamos nossa pesquisa com a seção “Metodologia e Fundamentação Teórica”, na qual explicitamos os aportes da pesquisa e seus principais conceitos que auxiliaram e guiaram a análise; e explicamos o motivo de utilizar os autores selecionados.

Já na seção “Por que *Nouvelles*”, traçamos um breve panorama sobre a novela francófona africana, a partir da problematização de sua categorização, e trazemos referências e conceitos importantes para compreender esse gênero.

Em seguida, na seção “Fatou Diome: vida e produção”, oferecemos uma breve biografia da autora e sua produção. Oferecemos também explicações sobre um aspecto tradutório que não foi contemplado pelo tema escolhido, mas que faz parte do estilo de Fatou: a referencialidade na criação de nomes.

Por fim na seção “Análise”, apresentamos de forma breve como procedemos em nossa pesquisa: dividindo a investigação dos 16 trechos traduzidos em quatro grupos (Cultura, Objeto, Natureza e Corpo) e aplicamos o aporte teórico para compreendermos profundamente as metáforas em cada trecho e assim fornecermos uma tradução idiomática e que transmita o efeito das expressões.

2 METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho está baseado na metodologia qualitativa, já que busca uma compreensão profunda e contextualizada do fenômeno das metáforas nos 16 trechos selecionados da obra que foram divididos em 4 grupos (Cultura, Objeto, Natureza e Corpo). Selecionamos para cada metáfora o domínio mais imediato, apesar de em muitos casos haver sobreposição de domínios e de campos lexicais. Faremos uma apresentação dos autores e conceitos utilizados e em seguida forneceremos uma explicação sobre o porquê utilizar esses conceitos.

Nossa análise está fundamentada nos termos de metáfora, assim como definidos por Lakoff & Johnson, em sua obra *Metaphors we live by* (1980 [1984]), ou seja, a perspectiva de que esse fenômeno da linguagem é por vezes algo obrigatório para que os sujeitos interpretem o mundo ao seu redor.

Os teóricos buscam delinear sua teoria da metáfora conceptual, na qual esse fenômeno, não está limitado à linguagem literária, mas sim pertencente ao universo da linguagem corriqueira, como exemplificam em sua obra por expressões metafóricas, em inglês, de uso cotidiano.

De acordo com essa teoria, as metáforas são do domínio de qualquer indivíduo inserido em certa cultura, e qualquer falante domina essa capacidade de expressar-se metaforicamente, já que elas partem de experiências corporais e culturais com as quais está habituado; as metáforas seriam então interações entre uma parte concreta e uma contraparte abstrata.

Por ser um fenômeno sistemático, existiriam conceitos que ajudariam à compreensão de outros. O *defining concept* (LAKOFF & JOHNSON [1980] 1984, p. 109-110) funcionaria como a parte concreta, aquela que auxiliaria na definição da metáfora e o outro, o *defined concept* (LAKOFF & JOHNSON [1980] 1984, p. 109-110) funcionaria como a parte abstrata, aquela que seria melhor entendida.

George Lakoff, ao escrever conjuntamente sua obra com Mark Johnson, busca aproximar as metáforas do falar cotidiano, já que elas não são do domínio apenas de obras literárias, mas também do domínio cotidiano, por isso a teoria desenvolvida em

sua obra é chamada de teoria experiencialista, ou teoria da metáfora conceptual (TMC).

A obra de Lakoff e Johnson investiga principalmente os usos metafóricos já consagrados na língua, aqueles que estruturam o pensamento dos sujeitos inseridos naquela cultura. Um de seus argumentos principais é de que essas metáforas, seriam interações entre conceitos concretos e conceitos abstratos para a compreensão dos últimos. As metáforas como propõem os estudiosos estruturam-se em um formato "CONCEITO 1 é CONCEITO 2", tal qual um de seus exemplos "ARGUMENT IS WAR", ou algo como "DISCUSSÃO É GUERRA" (LAKOFF & JOHNSON [1980] 1984, p. 4, tradução nossa), no qual para entendermos o conceito de discussão usamos a experiência de guerra (podemos ganhar ou perder, vemos nossa contraparte como oponentes etc.).

Um de seus objetivos e uma de suas conquistas é fazer surgir a noção de que metáforas são parte da linguagem cotidiana e que elas possuem uma grande riqueza semântica. A partir de um mesmo conceito ARGUMENT podemos selecionar aspectos relevantes e assim construir outras metáforas, por exemplo, "AN ARGUMENT IS A JOURNEY", ou "DISCUSSÃO É JORNADA" (LAKOFF & JOHNSON [1980] 1984, p. 92, tradução nossa) por entendermos a discussão como algo que deve ser planejado, algo em que podemos nos perder. Assim, essa metáfora poderia gerar outras, pois, ela busca definir um caminho, e caminhos podem ser pensados como superfícies, logo poderíamos formar a partir de uma metáfora outras tantas, cada uma satisfazendo o conceito ARGUMENT de uma forma coerente.

Gostaria, no entanto, de fazer uma ressalva sobre os usos metafóricos em *La Préférence Nationale.* Estamos estudando uma obra literária fruto da criatividade de uma autora, a qual utiliza-se de metáforas inventivas que não apenas conversam com diversas culturas, mas também com experiências autobiográficas e criativas. O que não aparece na exemplificação de Lakoff e Johnson, pois eles se utilizam de exemplos que não pertencem a um corpus, portanto estão descontextualizados.

Aqui nos diferimos sutilmente da teoria da metáfora conceptual e partimos para uma análise textual e estilística, contudo que conversa com sua época, a década de 90 (época de transição cultural), com as duas culturas que abraçam Diome (os avós senegaleses e o universo literário francês) e com elementos que parecem estruturar

suas metáforas (cultura, natureza, objeto e corpo). Ainda sim acreditamos que esses postulados nos auxiliarão em nossa análise.

Destacamos que Lakoff e Johnson admitem que as metáforas chamadas "*imaginatives*" (LAKOFF & JOHNSON [1980] 1984, p. 53) seriam geradas a partir do procedimento de escolher realçar uma parte da metáfora conceptual que ainda não fora explorada ou que é pouco explorada em uma certa cultura. Essas metáforas representariam o tipo que iremos analisar.

Nossa análise também está fundamentada nos termos de Lederer ([1994] 2015). A autora busca delinear a preexistente teoria dos sentidos, na qual o tradutor deve buscar compreender o sentido, a parte não-linguística do texto veiculada pelo significante. Para que a sua nomeada "tradução interpretativa" ocorra, ou seja, para que a compreensão do sentido exista, Lederer discorre sobre o método que é o ponto central em sua obra "leitura, desverbalização e reexpressão" e principal motivo pelo qual usaremos suas ideias em nossa análise.

Marianne Lederer busca a noção do contexto cognitivo, ou seja, o conhecimento que perde seus contornos (torna-se desverbalizado) e auxilia a compreensão do texto. Esse conceito deixa explícita a importância de seguir o texto de forma próxima, sem perder de vista as relações intratextuais, para atingir a almejada tradução que respeite o sentido.

Assim, para atingir a tradução interpretativa deve-se efetuar uma tradução por equivalência e não apenas por correspondências, como ela explica:

> Aqui vê-se a principal diferença entre equivalências e correspondências: as primeiras estabelecem-se entre textos, as segundas entre elementos linguísticos, palavras, sintagmas, idiomatismos ou construções sintáticas.[5]" (LEDERER [1994] 2015, p. 51)

Para mostrar a importância do conceito da desverbalização (estágio em que as frases perdem seus contornos fixos) e o consequente perigo de uma tradução que não considera o contexto, na subseção "A Transcodificação das Palavras" (p. 116-117), Lederer oferece dois exemplos. Em um dos exemplos discutido: "(He starts screaming) he didn't marry a Woman who would ignore her house and children" para

[5] "On voit ici la différence essentielle entre équivalences et correspondances: les premières s'établissent entre textes, les secondes entre des éléments linguistiques, mots, syntagmes, figements ou formes syntaxiques."

a qual seis tradutores propuseram soluções.

A solução aprovada foi aquela que levou em consideração a nuance da frase, a idiomaticidade e o tom emotivo certo para o contexto da narrativa. E optou por: "(Ele emite altos gritos dizendo que) sua esposa abandona seus filhos e que ele não se casou para isso" (FRAUCHES et al., 2019, p. 175).

Nosso objeto são as metáforas: recurso da língua extremamente imagético, o que pode ser comprovado pelo corpus que servirá de base para a análise. As metáforas são recursos com alta carga de significado, mas também com alta carga de sentido[6]. Nas palavras de Lederer: "O sentido é um todo desverbalizado, absorvido junto com os conhecimentos extralinguísticos." ([1994] 2015, p. 24, tradução nossa), pois forma relações com os contextos extralinguísticos e textuais.

A chamada teoria interpretativa (TIT ou teoria do sentido) se fundamenta na prática de interpretação consecutiva e na pesquisa acadêmica de Danica Seleskovitch (PAGURA, 2012, p. 94), na qual ela afirma, a partir do corpus de transcrições em sua pesquisa, que o intérprete retém, em sua memória, a mensagem sem uma forma clara e que por isso a interpretação é guiada pelo sentido, já que as formas se tornam menos definidas do que quando foram proferidas, ou seja, o intérprete desverbaliza e se exprime em sua língua.

Considerar as metáforas como sendo produtos de experiências anteriores e a tradução como um processo de interpretação do sentido indicam a forte influência e necessidade de considerar o extralinguístico e o contextual na nossa tradução.

As novelas de Fatou são ricas em linguagem figurada, que como tal atravessa o campo de metáforas. Suas personagens buscam um sentido a partir de coisas concretas para entender o mundo complexo a sua volta, cheio de regras e exclusões nos campos de vivência, portanto experiências que se baseiam em conceituar um domínio por outro.

Em nossa tradução buscamos compreender o sentido do texto, mas o abordamos de forma a não apagarmos a identidade da escrita de Fatou, com sua riqueza de referências e de imagens, por isso, mantivemos aspectos culturais como o CFA, o

[6] "*Le sens est un ensemble déverbalisé, retenu en association avec des connaissances extra-linguistiques*."

franco das antigas Colônias Francesas da África e ainda utilizada no Senegal, além de nomes de locais, personagens e comidas típicas. Adicionamos algumas notas do tradutor para oferecer informações adicionais que contribuiriam para que o leitor brasileiro tenha o mesmo nível de compreensão do que o leitor francês.

3 “POR QUE *NOUVELLES*?”

A gênese desta seção se deu a partir do interesse pelo complexo universo de nomenclaturas para gêneros literários, em especial a diferença entre conto e novela. Podemos ver essa questão até mesmo na descrição de *La préférence nationale* na única tradução brasileira do romance de Fatou *O ventre do atlântico* (Trad. Regina Célia Domingues da Silva, 2019). Nessa edição encontramos a classificação da obra como “reunião de contos”.

Além de haver confusão entre duas nomenclaturas, como aponta Oliveira: “o fato de que historicamente existe um trânsito intenso dos termos que designam novela, romance e conto” (2010, p. 138), a novela não é tão valorizada: “A teoria da novela é um dos temas dos estudos literários mais negligenciados até hoje” (OLIVEIRA 2010, p. 135). Assim, é justificável a confusão entre um gênero que possui tanto características de um quanto de outro gênero. O autor aponta a confusão que existe inclusive entre escritores, “Gotlib fala de Maupassant, que chama suas nouvelles (as nossas novelas) de contes (o que chamamos contos)” (OLIVEIRA, 2010, p. 138).

Assim, iremos utilizar a definição que parte da diferenciação entre o conto tradicional e a novela escrita e que estão inseridos nas culturas africanas: “’Conto’ abarca tudo o que se inscreve em uma tradição popular, seja ela apresentada em estado bruto de documento oral ou repensada literariamente; “Novela” engloba tudo o que se inscreve em um quadro real” (AMELA, 2014, p. 68 *apud* MACHADO, 2016, p. 17). Para a qual Machado (2016) em seu artigo *O conto, a novela e o presente na literatura francófona africana*, faz uma ressalva reconhecendo a dificuldade de classificar com exatidão as duas nomenclaturas.

Nesse artigo, é apresentado o início da transmissão da cultura oral francófona africana por meio da produção escrita. Esse novo meio de transmitir nasce da necessidade — a partir de movimentos engajados, em meados dos anos 30, pelo resgate das tradições africanas em sua maioria, transmitidas oralmente — de reavivar essas narrativas.

Ainda segundo Machado, a novela francófona só ganharia espaço como literatura

popular na África no período pós-independência das colônias de língua francesa, nos anos 60. A partir dessa época o foco não era mais narrar a África, descrevê-la, com a voz dos próprios africanos, como propunha Hampâté Bâ “deitar no papel” as tradições orais (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 168 *apud* MACHADO, 2016, p. 15), mas sim de jogar sobre ela uma visão crítica.

De acordo com Glinga (1985), com a chegada dos anos 80, a novela francófona veria um grande sucesso, não mais se contentando em tratar da dicotomia modernidade e tradição por si próprias, mas continuando a tradição recente de crítica ao mundo novo e cheio de contradições, contendo comentários sociais e se afastando ainda mais do conto tradicional. Glinga afirma ainda a flexibilidade da novela para a discussão de temas variados, já que ela possuiria uma forma “*à-séries*”, ou seja, uma concisão interna, com temas que se repetem ao longo das novelas. Por mais que os personagens e suas situações mudem, haverá um elemento que os une.

Devemos oferecer uma explicação extra sobre nossa análise e essa classificação “*à-series*”. Como citado na introdução, traduzimos apenas quatro das seis novelas para efeitos da análise de usos metafóricos que relacionam os dois polos “África-Europa” e são abundantes nas quatro novelas.

Porém, isso não interfere na classificação supracitada, pois de fato as seis novelas conversam entre si, com suas temáticas e personagens que apesar de não possuírem nome estão ligadas pelas situações sociais de sofrimento e exclusão. De mesmo modo as quatro novelas também estão ligadas, principalmente através das imagens recorrentes.

Diferentemente de um final em que a heroína toma uma ação grandiosa, trágica, mas vista como heroica, na novela francófona africana isso não existe: “Não há heroísmo na novela, como também não há perspectivas concretas de grandes mudanças” (MACHADO, 2016, p. 21), o que pode ser confirmado ao lermos as novelas de Fatou.

As protagonistas da obra têm finais por vezes deprimentes, onde acabam rejeitadas, ou acabam quase da mesma forma como começaram. Um exemplo é a protagonista de “La préférence nationale” que começa sem um emprego em que poderia utilizar sua formação acadêmica e termina desse mesmo jeito. A frase “Toujours sans travail, je continuais à croire que l’oeil de mon grand-père éclairerait mon chemin en Europe”

(DIOME, 2001, p. 89) (Ainda sem trabalho, continuava a acreditar que o olho do meu avô iluminaria meu caminho na Europa) parece uma reflexão e um aviso sobre a condição final das protagonistas.

A novela francófona africana, em especial, a de Fatou tem ligação com questões atuais, como a vida dos imigrantes em países que foram grandes colonizadores, mas trata da imigração em geral: "[...] car la France est un grenier sur pilotis, et certains de ses poutres viennent d'Afrique" (DIOME, 2001, p. 89) (pois, a França é um celeiro sobre estacas, e algumas dessas vigas vêm da África), já que a obra pode inspirar identificação com situações de imigrantes que vêm para o Brasil, por exemplo.

Esses indivíduos são tratados de forma diferente, servindo como representação de certos comportamentos que ainda refletem a resistência a aceitar imigrantes, mesmo aqueles com documentação necessária para permanecer e trabalhar no território.

Entretanto, segundo Machado "uma característica marcante das novelas africanas contemporâneas é que em narrativas ou coletâneas eminentemente realistas são preservados diversos modos de inserção do maravilhoso ou do fantástico" (2016, p.21). Fatou busca esses elementos fantásticos em suas novelas, a partir da suspensão do tempo para evocação de memórias "guidée par l'odeur du sang des miens" (DIOME, 2001, p. 88) (guiada pelo odor do sangue dos meus), da natureza e o clima africanos "Les caélcédrats étaient presque desséchés" (DIOME, 2001, p. 39) (Os mognos estavam quase secos) e principalmente do tema objeto desta pesquisa: as imagens construídas ao longo dos textos.

Esse fantástico traz elementos de morte, de sangue, o real, o trabalho duro, a pouca visibilidade, a violência ou as situações que parecem castigar as personagens e se justapõem em uma linguagem que quer o tempo todo expressar aquilo que as personagens têm que, muitas vezes, calar. O silêncio das personagens sendo uma possível consequência do enredo construído sobre a invisibilidade das protagonistas.

Compreender que o gênero da novela africana francófona está ligado ao processo de pós-colonização significa compreender a sua linguagem e seus temas e assim interpretar e consequentemente traduzir o texto de maneira a transmitir os sentidos e suas nuances.

Da escolha das personagens até as imagens com as quais a autora joga, personificações, comparações e outras categorias de linguagem figurada; tudo tem

uma razão para estar presente no texto e está conectado com o gênero novela francófona, que se propõe a discutir problemas da África.

Fatou não se restringe a ela sua verdadeira intenção é ir além desse universo, já que a autora trabalha com a dualidade África-Europa e usa locais específicos, como Dakar e Estrasburgo como ponto de partida para suas reflexões e comentários sociais com os quais seus leitores irão se identificar:

> "Pelo contrário, sei que, assim como uma esponja estou encharcada pela sociedade que me cerca. Quando escrevo, também destaco os problemas que presencio, falo do que me atinge. Meus leitores, seja na África, na Europa ou em outro lugar realmente se reconhecem nos meus livros[7]." (DIOME *apud* DIOUF, 2009, p. 141-142. Tradução nossa.)

[7] "Par contre, je sais que, comme une éponge, je suis imbibée de la société qui m'entoure. Quand j'écris, je souligne aussi les problèmes que je vois, je parle de ce qui me touche. Mes lecteurs, que ce soit en Afrique, en Europe où ailleurs qui se reconnaissent vraiment dans mes livres."

4 FATOU DIOME: VIDA E PRODUÇÃO

Fatou Diome nasceu em 1968 na Ilha senegalesa de Niodior, já produziu uma reunião de novelas e alguns romances, entre os mais conhecidos estão *Le Ventre de l'Atlantique* (2003) e *Kétala* (2006). Sua obra mais recente é *Les veilleurs de Sangomar* (2019).

Na reunião de novelas *La Préférence Nationale,* Fatou localiza suas personagens femininas nos anos 90, um período de transição, com o fim da Guerra Fria, e os avanços na globalização e na rede de informática. A autora traz discussões sobre temas que se mantêm atuais, como a imigração, a educação e o racismo, e até mesmo sobre temas mais subjetivos, como as relações humanas, os sentimentos e memórias que habitam nas pessoas.

Fatou evita categorizações do tipo "Literatura Francófona" ou "Literatura-Mundo", afirmando que o mais importante é a identificação e o prazer que a leitura traz ao leitor:

> Acredito que as questões de geopolítica ou de geografia na literatura são do interesse da crítica literária e que um autor não deve se importar com isso ao escrever. Os meus leitores japoneses não dão a mínima para saber se sou francófona ou arabófona, se sou negra ou mulher, ou se tenho um terceiro olho no meio da testa. O que importa é a troca humana, a verdadeira ligação.[8] (DIOME *apud* DIOUF, 2009, p. 145. Tradução nossa.)

No entanto, usaremos a nomenclatura de literatura francófona africana tendo como referência a ideia de Alain Mabanckou que nos ajuda a pensar sobre a escrita da nossa autora, que busca transmitir sua mensagem a qualquer leitor e utiliza a língua francesa como veículo:

> Ser um escritor francófono é ser um recipiente de culturas, de um redemoinho de universos. Ser um escritor francófono é absolutamente beneficiar-se da herança das letras francesas, mas acima de tudo é

[8]"Je pense que les questions de géopolitique ou de géographie littéraire sont une affaire de critique littéraire et qu'un auteur doit justement s'en moquer pour écrire. Les Japonais qui me lisent se foutent de savoir si je suis francophone ou arabophone, si je suis noir ou une femme, ou si j'ai un œil au milieu du front. Ce qui compte, c'est le partage humain, c'est le vrai lien."

> trazer sua contribuição para um conjunto maior, esta contribuição que vence barreiras, apaga as raças, diminui a distância entre os continentes para estabelecer a fraternidade exclusivamente através da língua e do universal.[9] (MABANCKOU, 2009, p. 56. Tradução Nossa)

Mas reconhecemos, assim como a própria Fatou indica que quanto mais conhecido um autor se torna, mais ele se aproxima da denominação de literatura francesa: "Rótulos são para vender e ocupar espaço. A partir do momento em que começamos a ficar mais conhecidos, eles te colocam em 'Literatura Francesa'[10]" (DIOME *apud* DIOUF, 2009, p. 146. Tradução nossa). E reconhecemos também que dar um nome diferente pode ser um fator que prejudica o reconhecimento desta literatura, pois traria menos espaço na exposição em livrarias. Porém, a denominação 'francófono' apesar de polêmica é consagrada e tem a vantagem de unir as literaturas consideradas mais periféricas.

Como será visto na seção análise, Fatou é uma autora que utiliza referências variadas, a diversos campos (arqueologia, literatura), culturas (africana e europeia) e épocas (colonização, segunda Guerra Mundial e presente da escrita).

Ela também traz referências à própria história (com protagonistas que se esforçam para manter seus estudos), ao próprio itinerário (do vilarejo até a cidade grande), ao local de origem (Ilhas do Saloum, onde se localiza Niodior, em "La mendiante et l'écolière") e ao local de destino Estrasburgo, onde a autora passa alguns anos e constrói ligações afetivas (como a estudante de "La Préférence nationale"). As novelas trazem elementos da biografia da autora, porém não se trata de uma autobiografia.

Ofereceremos dois exemplos do caráter referencial de Fatou, um deles presente na novela "Cunégonde à la bibliothèque" e o outro em "La préférence nationale". No primeiro exemplo, a narradora começa discorrendo sobre o pensamento do personagem Pangloss, do conto *Candide* de Voltaire. Pangloss — um incurável membro da doutrina otimista de Leibniz — ensina que todas as coisas acontecem para o melhor, e é assim que os patrões da estudante-faxineira veem o mundo, como

[9] "Être un écrivain francophone, c'est être dépositaire des cultures, d'un tourbillon d'univers. Être un écrivain francophone, c'est certes bénéficier de l'héritage des lettres françaises, mais c'est surtout apporter sa touche dans un grand ensemble, cette touche qui brise les frontières, efface les races, amoindrit la distance des continents pour ne plus établir que la fraternité par la langue et l'univers."
[10] "Les étiquettes, c'est pour les ventes et pour occuper l'espace. Dès qu'on commence à être un peu plus connu, on vous conduit en 'littérature française'".

estando na sua mais perfeita ordem: Cunegundes cuida de tudo sem nunca reclamar enquanto eles vivem suas vidas de forma tranquila.

Em oposição a esse “melhor dos mundos” está a perspectiva da estudante, apelidada Cunegundes pelo patrão. Para ela os patrões, apesar de não serem o pior tipo de ser humano, afinal lhe deram um emprego, são pessoas que não a enxergam como uma igual, por isso abusam de seus serviços ao não se prestarem a cuidar de objetos de sua intimidade — como na personificação do tampax da madame Dupior que “nichait entre les couettes ou gisait en bas du lit” (DIOME, 2001, p. 105) (aninhava-se entre os edredões ou jazia sob a cama).

Nessa perspectiva eles seriam o pior dos mundos, patrões que nem ao menos se dignaram a pagar pelo último dia no qual Cunegundes trabalhou em sua residência. Assim, Fatou cria o jogo do nome Dupire, para o qual consideramos duas opções principais: Silvior e Dupior. A primeira opção traz a lógica da mistura de um nome frequente no Brasil, Silva, — já que interpretamos que a autora fez o mesmo caminho no francês ao deformar o nome Dupont. Porém, chegamos à conclusão de que esta opção não deixaria suficientemente clara a ideia de “pior”.

A segunda opção foi a escolhida, Dupior mantém uma forma bem semelhante ao original, sobretudo, deixa claro para o leitor o jogo de palavras. Conseguimos também manter uma forma que se assemelha a um sobrenome de família, já que soa fluído na leitura da tradução, assim como Dupire soa fluído no original.

No segundo exemplo, Fatou traz uma possível referência extratextual ao construir o nome do personagem: o senhor “Passe-Toi”. Isso nos chamou a atenção desde o momento da primeira leitura, já que temos aqui múltiplas possibilidades de interpretação: o verbo “*passer*” pode funcionar como forma de manter a sonoridade próxima à do sobrenome do legislador francês Charles Pasqua[11] — ministro do interior, espécie de ícone de legislações anti-imigração —, e a negativa (*pas-toi* “você não” em uma tradução palavra-por-palavra).

Outra possível referência a legislações e que poderia estar ligada ao contexto em que Fatou escreve, já que nos anos 90, mais precisamente em 1993[12] entrou em

[11] Pasqua, em 1986 apresentou uma lei que dava o poder de expulsão de imigrantes ilegais aos prefeitos.
[12] Lei de 22 de Julho de 1993: “Le délai pour acquérir la nationalité française à raison du mariage avec un Français est porté à 2 ans.”

vigor a lei que decreta o período de dois anos para conseguir nacionalidade francesa assim como a narradora comenta serem necessários dois anos para adquirir o odor francês.

A segunda possível interpretação é a de que este nome “Passe-Toi” seria um jogo com a negativa, já que a muitos imigrantes é negado o direito de permanecer ou até mesmo entrar na França. Esta perspectiva foi explorada pelo trabalho: *LISIBLE ET RISIBLE*: *Les noms et les titres sarcastiques dans une traduction anglaise de La Préférence Nationale de Fatou Diome*, no qual a autora propõe uma análise e tradução dos nomes próprios — carregados de sarcasmo — que Fatou constrói. Ela opta por “Mr. Not You” (MARTIN, 2014, p. 73) para traduzir este nome.

Nossa escolha se baseou no contexto da narrativa. A narradora nos apresenta uma série de comentários sobre o racismo subentendido em expressões como “odeur français” (DIOME, 2001, p. 83) (odor francês), “ex-épouse d’un français devient just’un objet exotique” (DIOME, 2001, p. 83) (ex-esposa de um francês, torna-se apenas um ex-objeto exótico). Assim, entendemos que a França não abre os braços para todos, mas sim propõe regras difíceis de atingir, porque, como a narradora nos confessa, o senhor que impõe as regras conta com o racismo familiar para separar os casais de etnias diferentes.

Com esse contexto em mente, optamos por “Sr. Próximo-da-fila”, por acreditarmos que assim estamos mantendo algo bem próximo de uma ação que os brasileiros veriam em um local de documentação e ao mesmo tempo deixamos subentendida a ideia de sucessão, de recusa: um fracassou então se chama outro.

Escolhemos essa expressão por trazer um grau de frieza, pois Sr. Próximo da fila não pensa duas vezes antes de negar a entrada para alguém que não esteja de acordo com as regras. Apesar de não conseguirmos manter uma forma que remeta diretamente à negatividade, ela remete indiretamente por ter a ideia de recusa.

5 ANÁLISE

Há dois questionamentos que guiaram nossa pesquisa do início ao fim: por que as metáforas utilizadas por Fatou Diome causam estranhamento? Como ela utiliza essas metáforas para traçar críticas sociais? Buscaremos refletir sobre essas perguntas na presente seção.

Assim como a experiência de ouvir o *djéli* Kouyaté foi enriquecedora em vários níveis: no nível linguístico, por podermos experimentar ouvir um sotaque que foge do francês-parisiense; no nível cultural, por podermos obter fragmentos da perspectiva de outra cultura com uma riqueza até então desconhecida; e no nível literário, por podermos entrar em contato com uma forma textual complexa, com imagens inéditas para os participantes da aula e com recursos orais de interação com o público.

Foi também enriquecedor analisar os trechos das novelas de Fatou, para conhecer um aspecto cultural que normalmente não associamos à cultura francesa e também pela riqueza de seu texto, aparentemente simples pelo estilo de parágrafos curtos.

Pudemos perceber ao longo de nossa pesquisa que Fatou utiliza campos semânticos que se conectam ao longo das quatro novelas: Cultura, Objeto, Natureza e Corpo. Estes domínios conversam entre si, como pudemos perceber pelas sobreposições destes. Porém classificaremos a partir do domínio mais imediato para facilitar a divisão e a análise.

Para efetuar nossa tradução priorizamos o sentido e a idiomaticidade, para que o leitor brasileiro conseguisse ter acesso ao mesmo nível de sentido e efeito ao qual o leitor francês tem. Buscamos explorar ao máximo informações contextuais que nos fornecem coesão terminológica e pistas para a compreensão, pensando no sistema de triangulação já citado de Lederer “leitura, desverbalização e reexpressão”, para então seguir processos de pesquisa em dicionários.

Exploramos não apenas o contexto e as pesquisas, mas também a relação entre os domínios da experiência, pois eles são um ponto central para a compreensão dos usos metafóricos de Fatou.

5.1 Cultura

Nesta subseção o domínio cultural é o elemento de identificação imediata e o ponto de partida para tecermos nossa análise de 5 usos metafóricos entre os quais envolvem os aspectos: religião, questões sociais e culinária.

Original	Tradução
Mais il arrivait que des feuilles empreintes d'humanisme s'en allaient souffler sur les plaies encore saignantes qui menaçaient de laisser sur le voisinage des moignons et des yeux clos à jamais. (DIOME, 2001, p. 14)	Acontecia que as folhas marcadas pelo humanismo iam avivar feridas ainda abertas, que ameaçavam deixar cotos e olhos sem vida na vizinhança.

Quadro 1: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”

No quadro 1, temos a cena da velha Codou que prepara seus amendoins para venda com o auxílio de sua mão retorcida pela hanseníase “lèpre/lepra”.

Podemos notar que há metáfora e metonímia se sobrepondo. A metonímia está representada nos elementos de domínios próximos: o conhecimento e o resultado dele, pois, as folhas tiradas dos cadernos estavam preenchidas pelo conhecimento dos estudantes. A metáfora está representada nos elementos concreto e abstrato, respectivamente o papel e a desigualdade social, representada pela doença (hanseníase) que traz consigo elementos de dor e sofrimento. Podemos pensar em uma possível metáfora conceptual como “A DESIGUALDADE É UMA MARCA”, já que pensamos os problemas sociais como deixando estigmas nas pessoas.

Optamos, assim, por “marcadas pelo humanismo”, pois, o adjetivo “empreinte/marcada” pode ter acepções negativas de um estigma. Desta forma estaríamos transmitindo a ideia de algo impresso permanentemente pela escrita, mas também de um sinal de que as pessoas de classes mais abastadas não querem ter contato, já que os filhos de funcionários públicos (considerados como classes mais altas) nunca compravam os amendoins de Codou.

O que marca a folha é uma característica humana: o toque e a doença. Imprimindo no papel mais do que a digital ou o conhecimento registrado nas páginas, mas também os traços das doenças (a condição de vida e de saúde de Codou), já que a mendiga teria também imprimido seu toque ali.

A palavra humanismo é um uso interessante que define algo humano, algo localizado na Europa, o movimento filosófico e artístico de valorização do homem. Esse humanismo, aparece de forma irônica, pois configura exatamente o contrário de toda a cena descrita nessa novela, na qual o único momento de valorização do homem está na relação das duas personagens, figura de mãe e filha, de apoio.

O fato de a autora utilizar a hanseníase, nomeando-a como doença "mange-corps/devora-corpo", também representa a questão da disparidade social, já que Codou vivia em um bairro onde havia grande concentração de "lépreux/leprosos" e aquela senhora precisava mendigar para sobreviver. Sabemos que essa é uma doença estigmatizada, da qual as pessoas preferem manter distância — o que é corroborado pelo valor social que os moradores designavam à Codou, no quadro 2.

Assim, ao usarmos "avivar" conseguimos transmitir o sentido da revelação da realidade na vizinhança. É como se aquela folha servisse para intensificar o problema de saúde e também social, já que as feridas podem se referir à rejeição daquela parte da sociedade.

Original	Tradução
Dans cet univers si profondément niché dans la superstition, personne ne lui accordait la moindre valeur sociale, mais sa fonction cathartique était des plus importantes. (DIOME, 2001, p. 17-18)	Neste universo tão profundamente nidificado na superstição, ninguém lhe dava a mínima importância social, mas sua função catártica era das mais importantes.

Quadro 2: Trecho da novela "La mendiante et l'écolière"

No quadro 2, podemos observar, como no primeiro quadro, a imagem do valor do ser humano através de uma crítica à pequena importância social de Codou.

Podemos perceber o aspecto dicotômico nessa crítica, o território colonizador

francês que foi berço de grandes revoluções, parece não exportar esses valores para os territórios que coloniza. Entendemos, assim, esse universo de misticismo, no qual Codou era apenas vista como uma "*destinatária*", ou a recebedora das oferendas. Temos aqui uma perspectiva que se aproxima do campo religioso, a própria "*superstition*/superstição" pode, segundo os dicionários *Le Robert* (2014) e o Houaiss (2009), nos dar uma indicação desse universo.

Fatou escolhe representá-lo por meio do adjetivo "niché/nidificado", através do qual buscamos manter a ideia de uma compreensão desse universo por meio de um elemento concreto que se encontra na natureza, o ninho, no qual os animais se distinguem e se protegem de outros animais.

Esta ideia de "ninho" é retomada na novela "Mariage Volé" para comentar a sensação de união entre as etnias na cerimônia de casamento apresentada aos leitores: "La foule de parentes [...] qui était jusqu'alors divisée en petits nids d'affinités [...]" (DIOME, 2001, p. 40) (A multidão de parentes, [...] que se encontrava até então dividida em pequenos ninhos de afinidades).

Original	Tradução
Le soleil se livrait à un strip-tease qui ne faisait bander que la mosquée. (p. 22)	O sol entregava-se a um strip-tease que deixava só a mesquita de pau duro.

Quadro 3: Trecho da novela "La mendiante et l'écolière"

No quadro 3, existe a criação da imagem fálica e religiosa, a ideia é bem forte e remete a aspectos culturais muçulmanos, como a família poligâmica que acolhe a protagonista e o *zakaat*[13]. Mas também remete ao calor que a protagonista sentia ao calcular os valores que Codou lhe devia. O calor é explorado também na novela "Mariage volé" para a criação de metáforas.

Mantivemos a imagem sexual, mas também mantivemos o efeito dessa imagem, no calor onde tudo parece ficar mais intenso. Assim, o sol não apenas "dançava", como também se dedicava, entregava-se àquela tarefa que por si só já soa sexual. O verbo "entregar(-se)" ajuda a reforçar essa acepção.

[13] Ato de caridade aos menos favorecidos na comunidade muçulmana.

Buscamos também manter o registro da expressão (LEDERER [1994] 2015) utilizando “deixar de pau duro” que mantém a informalidade da expressão francesa “faire bander”, além disso, mantém a ideia de passividade do verbo “faire”. Em nossa tradução, procuramos manter a relação entre a dança sexual e o clima que criam uma ponte para compreender os números que como no movimento das memórias (na novela “La préférence nationale”), eram intensificados pelo calor. Esse trecho traz certa comicidade por utilizar dois domínios opostos (sexo e religião) que tentamos manter em nossa tradução.

Original	Tradução
Moi qui comptais sur leur fibre maternelle protectrice, j’ai compris vite qu’au royaume de la polygamie on ne tire pas sur la barbe de Dieu (p. 27)	E eu, que contava com sua veia maternal protetora, entendi rápido que no domínio da poligamia a cada macaco seu galho.

Quadro 4: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”

No quadro 4, podemos notar mais uma vez o campo religioso. Desta vez a narradora busca demonstrar a hierarquia através de uma expressão proverbial com força metafórica. Conhecemos pelo contexto que o personagem a quem ela se refere é o chefe da família que a acolheu, Pa-Dioulé, que castigara a protagonista por buscar explicações sobre o dinheiro que havia desaparecido.

Então, para entender esse jogo de poder velado e confirmado pela veia maternal das esposas (uma ironia, pois claramente isso não existia naquelas personagens), Fatou busca a imagem do patriarca, a quem todos devem respeitar e traça um paralelo entre a imagem divina masculina e o poder que Pa-Dioulé possuía.

Identificamos aqui a hierarquia da estrutura familiar em que a protagonista vivia, portanto buscamos uma expressão proverbial que transmitisse esse sentido. Tomamos o provérbio “cada macaco no seu galho” como base para criar nossa tradução “a cada macaco seu galho”. Esta expressão deixa clara a divisão que existe entre as mulheres e Pa-Dioulé em questão de poder.

Original	Tradução
Le soir, j'appelai une copine de fac, une blonde aux cheveux argentés, une vraie blanche d'appellation et d'origine contrôlées. (p. 94)	De noite, liguei para uma colega da faculdade, uma loira de cabelos prateados, uma branca de verdade, de denominação e origem controladas.

Quadro 5: Trecho da novela "La préférence nationale"

No quadro 5, a estudante da novela "La préférence nationale" nos apresenta seu final, quase como um destino, o de continuar precisando trabalhar em locais que estão fora do escopo acadêmico. Fatou continua com os comentários sobre a cor da pele e como essa característica pode definir a vida do imigrante.

A questão dos cabelos — que sinalizam características étnicas — é abordada de forma sarcástica quando a narradora discute os critérios de aceitação do indivíduo imigrante na França. A estudante comenta que até mesmo seu gato é melhor aceito na sociedade francesa: "C'est peut-être parce qu'il a le poil Roux" (DIOME, 2001, p 84) (Talvez seja porque ele tem pelo ruivo). Aqui temos incluída uma metonímia, a parte (cabelo) pela pessoa como um todo, que contribui para o tom sarcástico e ácido da narradora.

Fatou vai mais longe e cria uma metáfora que contém as indagações sobre a injustiça de se julgar alguém apto a exercer uma função, ou alguém feito para exercer uma função, baseado apenas nas características físicas. Esta metáfora traz o domínio do vinho, com as expressões "appellation/denominação" e "origine/origem" que serviriam para indicar a proveniência geográfica de certo vinho, a conhecida "appellation d'origine controlée/denominação e origem controlada".

O fato de ela tentar entender algo abstrato como a xenofobia, que nasce de sentimentos infundados e irracionais, com algo concreto, que mostra a tentativa de valorizar algo produzido por uma região, revela mais uma vez a diferença com a qual os imigrantes convivem, descrita por Fatou ao longo das novelas.

Assim, consideramos como uma escolha que deixa suficientemente clara a intenção da narradora de criticar a ligação entre trabalho e cor da pele, mas mantivemos a relação implícita ao vinho para qual ambos os leitores (o francês e o brasileiro deverão procurar fazer essa ligação). Ambas as culturas o têm como elemento culinário e

cultural bem forte, então estaríamos sendo fieis ao sentido e também à cultura de partida, sem incorrer em apagamentos etnocêntricos[14].

5.2 Objeto

Nesta subseção iremos explorar 5 usos metafóricos em que Fatou utiliza o domínio dos objetos para compreender problemas que permeiam a vida das protagonistas, mas também a sociedade de forma geral (em ambos os eixos África-Europa).

Original	Tradução
Une vue aérienne du groupe aurait permis d'imaginer des boules de cire noire que le soleil faisait fondre dans un même moule. (p. 19)	A vista aérea do grupo permitia imaginar bolas de cera negra que o sol fundia em um mesmo molde.

Quadro 6: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”

No quadro 6, somos apresentados à protagonista estudante da primeira novela. Com uma imagem que evoca um movimento aquático, como no quadro 11 (subseção Natureza), temos uma cena de visão aérea que vai aos poucos se aproximando e o que era descrito como “même moule/ mesmo molde” vai se transformando ao olharmos mais de perto e com isso percebemos a diferença, a hierarquia entre aqueles estudantes.

A narradora não quer nossa atenção na cor da pele daquele fluxo de estudantes, mas sim em suas vestimentas que representam as posições sociais, como observa-se nos parágrafos seguintes. Nessa aproximação as “bolas de cera negra” perdem sua característica homogênea, trazendo a questão da hierarquia. Podemos notar como o conceito de hierarquia (também presente nos quadros 1,2,4 e 11) é desenvolvido, cada um trazendo um ponto de vista sobre o problema social, por exemplo, no quadro 1 (Subseção Cultura), a hierarquia é vista a partir da doença estigmatizada de Codou. Poderíamos propor uma metáfora que guia essa imagem

[14] Segundo Lederer ([1994] 2015, p. 126), o etnocentrismo seria a tentativa extrema por parte do tradutor de explicitar um dado cultural que ele acabaria naturalizando a diferença entre os textos e entre as duas culturas.

“PESSOAS SÃO MATERIAIS”, já que podemos moldar o pensamento de alguém; pessoas podem derreter (de calor), e podem estar com o coração partido.

Assim como Codou tem um papel social rígido, a estudante tem as roupas como representação da diferença a partir do ponto de vista dos colegas “Regardez la première de la classe avec ses sandales trouées !” (DIOME, 2001, p. 21) (Olha lá, a melhor da turma com as sandálias furadas dela!).

Fatou faz questão de trazer o aspecto climático, parte importante da sua experiência, já que o calor a tudo e a todos subjuga: “Mi-journée africaine au paroxysme de la chaleur.” (DIOME, 2001, p. 43) (Metade do dia africano no paroxismo do calor), fazendo as cabeças dos estudantes se parecerem todas iguais nesse grande molde.

Mantivemos os referentes bem próximos ao original por entendermos que é suficiente para que o leitor brasileiro tenha acesso ao mesmo nível de compreensão que o francês. Assim, a imagem de um trabalho de forja, no qual o molde reproduz peças é transmitido. Estando em um país tropical, não é muito difícil que o leitor visualize a situação e compreenda a intensidade daquele clima.

Original	Tradução
Je n’étais pas loin de penser comme elle, et ses mots n’avaient fait que circonscrire le drap noir que cette famille posait peu à peu sur mon humeur. (p. 32)	Não estava longe de pensar como ela, e suas palavras apenas apertaram o lenço negro no qual essa família envolvia pouco a pouco meu humor.

Quadro 7: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”

No quadro 7, observamos a ideia do descontentamento da menina quanto à avareza da família, concordando com Codou sobre os que se negaram a dar esmola para a mendiga (como podemos ver também no quadro 13, subseção Natureza). Há aqui uma metonímia (elementos muito próximos: cabeça-mente-humor) que serve para reforçar a metáfora da representação da pessoa como recipiente, já que elas podem estar com a cara fechada/ amarrada e podem se abrir com outras pessoas, indicando estados de espírito, assim como o humor da protagonista que só piora.

Este “lenço negro” ajuda a personagem a expressar seu nível de descontentamento

não apenas com o comportamento da família frente a Codou, mas também seus sentimentos nauseantes em relação às atitudes abusivas de Pa-Dioulé, assim a protagonista se veria como um recipiente que é lacrado por esse sentimento.

Mantivemos a imagem claustrofóbica que é reforçada através das protagonistas que têm poucas chances de rebater afirmações ou responder a abusos, já que grande parte dessas respostas vêm no formato de monólogo, salvo algumas exceções como é o caso da faxineira "Cunegundes" que retruca a falsa polidez dos patrões em sua demissão: "[...] Cunégonde vous sera toujours dévouée." (DIOME, 2001, p. 111) (Cunegundes lhe será sempre grata).

Essa claustrofobia vem acompanhada de um elemento negativo. "Lenço negro" remete ao acontecido no quarto do patriarca da família e também ao sentimento que pode indicar escuridão e maldade. Utilizamos, nesse caso, "envolver" ao invés de "colocar/jogar" por entendermos que esse verbo transmitiria a emoção da protagonista de forma mais intensa e que se relacionaria com o campo lexical dos objetos. Por isso optamos por esta tradução que transmite o efeito e é idiomática no português

Original	Tradução
Ils oubliaient que la serpillère était faite pour nettoyer leur carrelage et non pour envelopper mon cerveau. (p. 104)	Eles esqueciam que o pano era feito para limpar seus ladrilhos e não para envolver meu cérebro.

Quadro 8: Trecho da novela "Cunégonde à la bibliothèque"

No quadro 8, temos novamente a lógica do tecido que serve para limitar algo, enquanto que no quadro 7 era uma forma de mostrar que o pouco de afeto e paciência que a estudante tinha pela família adotiva se esvaía, após suas ações repreensíveis. Neste trecho, temos agora a faxineira, apelidada Cunegundes, que era julgada como inferior por seus patrões, os Dupior.

Fatou constrói esta imagem a partir de uma concepção do ser humano como objeto e toma algo do cotidiano de uma empregada doméstica (o pano de chão) para explicar e desnudar o racismo dos patrões.

Optamos por "envolver" como tradução para "envelopper", pois, transmite também o sentido de "esconder", que mostra exatamente o que o casal pensava que seria o certo. O sr. Dupior se mostra surpreso ao vê-la na biblioteca da faculdade, para ele,

uma faxineira não poderia pensar. Assim, como envolvemos o pano na vassoura para limpar, o cérebro da faxineira era envolvido para apenas limpar.

Original	Tradução
Je pensai : lorsqu'à une case on ajoute une poutre, c'est bien parce qu'on a peur qu'elle ne s'effondre. (p. 51)	Pensei: quando adicionamos uma viga a uma cabana, é exatamente porque temos medo que desabe.

Quadro 9: Trecho da novela "Mariage volé"

No quadro 9, encontramo-nos na cerimônia de casamento em Dacar. Por meio de seus comentários percebemos mais um elemento ilusório que Fatou discute em suas novelas: o amor. Aquele casal unido pelo amor, mas também pela burocracia e que acaba perdendo sua espontaneidade.

Com a expressão proverbial, a narradora indica a perspectiva de como o amor pode se tornar algo mecânico, portanto, mais frágil, com documentos e respostas curtas. Tantos requisitos e procedimentos são como vigas colocadas uma a uma para manter a estrutura de pé. Esse amor se opõe ao da protagonista pelo professor que a avaliará, apesar de que não será consumado ao final da história.

Assim como os "deux années de baise" (DIOME, 2001, p. 84) (dois anos de transa) que o Sr. Próximo-da-fila impõe para conseguir a nacionalidade francesa, esse prefeito propõe uma lista interminável de condições para a união do jovem casal. Dessa forma, a narradora expõe a fragilidade não necessariamente do sentimento dos dois, mas da instituição do casamento em si. Poderíamos pensar em um mapeamento do conceito amor através da metáfora "O AMOR É UMA CONSTRUÇÃO", já que construímos o relacionamento, ele pode ruir, podemos então reconstruí-lo.

Optamos por usar o elemento "cabana" para transmitir o sentido pretendido, o de uma residência simples e possivelmente em um lugar afastado, o que contrasta com a movimentação de carros de Dacar. "Case/cabana" pode ser interpretado como um elemento que liga a protagonista de "La mendiante et l'écolière" e a da presente novela, mostrando mais uma instância da caracterização "*à séries*" (GLINGA, 1985), já que a primeira viera de um vilarejo das Ilhas do Saloum.

Buscamos uma tradução que fosse sucinta, como geralmente são os provérbios. Suprimimos o pronome pessoal “ela”, o que permitiu uma fluidez maior nesse elemento que remete à oralidade.

Original	Tradução
On ne met pas deux épées dans le même fourreau, une tige en chasse forcément une autre. (p. 105)	Não se coloca duas espadas na mesma bainha, uma lâmina obrigatoriamente enxota a outra.

Quadro 10: Trecho da novela “Cunégonde à la bibliothèque”

No quadro 10, observamos outra expressão proverbial, na qual a narradora utiliza o domínio de armas para expressar a predileção da sra. Dupior pela colega de faculdade. A patroa trata ambas de maneiras diferentes pelo fato de a narradora ser sua empregada e ser considerada intelectualmente inferior à colega de faculdade que dá aulas particulares ao filho.

De forma sábia, a narradora explica essa diferença por meio das espadas: apenas uma delas pertence a bainha, a outra deve ser enxotada ou ocultada. A estudante-faxineira acaba tendo que se sujeitar a essa condição de não ser vista.

Podemos contar também que o leitor brasileiro construirá em sua mente as relações entre as duas lâminas e as duas estudantes que funcionam em uma lógica de paradoxo, onde uma estiver a outra não estará presente. Há nesta metáfora também uma lógica de conflito, como um combate. Poderíamos propor a lógica de “RELACIONAMENTOS SÃO COMBATES”, pois, a estudante, no final, sai como perdedora: “Madame, sans gêne, me laissait la tige vaincue” (DIOME, 2001, p. 105) (a patroa, sem constrangimentos, deixava-me a lâmina repelida).

5.3 Natureza

Nesta subseção, analisaremos 3 trechos que possuem o domínio da natureza como elemento concreto aos quais a narradora recorre para pensar sobre problemas das protagonistas.

Original	Tradução
Mais toutes les terres ne se baignent pas dans les mêmes eaux, et cette fusion apparente n'était qu'illusion, même dans un tropeau chaque zèbre garde ses rayures. (DIOME, 2001, p. 20)	Mas nem todo chão é banhado pela mesma água, e esta fusão aparente era apenas ilusão, pois, mesmo numa manada cada zebra conserva suas listras.

Quadro 11: Trecho da novela "La mendiante et l'écolière"

No quadro 11, temos uma expressão proverbial com força metafórica, pois usa-se o domínio da natureza "eaux/água" e "rayures/listras" para demarcar a diferença entre o grupo da estudante pobre e os outros estudantes mais abastados. É uma diferença social e cultural, pois a personagem anuncia sua identidade como "*Sérère Niominka*"[15], indicando aqui uma noção de divisão interna da personagem. Vivendo longe dos avós, assim como a dicotomia África-França, a protagonista assim como Fatou (franco-senegalesa) vive na pele essa diferença.

Através desses dados biográficos, Fatou constrói sua personagem narradora trazendo referências concretas da realidade, afinal a história se passa no Senegal, um lugar com natureza variada, que vai da atmosfera de porto de águas claras até biodiversidade. A lógica para o uso de expressões proverbiais está na experiência da água, já trazida anteriormente no texto, com o movimento dos estudantes em direção à escola "Le flot des collégiens" (Diome, 2001, p.19) (o fluxo de estudantes) que indica um movimento que deveria ser homogêneo como a água, mas que na verdade é pontuado pelas diferenças.

Podemos pensar que a terra serve como elemento delineador de até onde pode-se pisar nesse território. Em uma lógica de metáforas onde a terra (elemento concreto) se localiza mais próxima da experiência do sujeito, onde ele pisa, onde ele pertence. A água como a hierarquia a ser definida (abstrato), pois, todos se banham nela, só que ela é uma água diferente para cada um, representando os diferentes papéis das

[15] União de duas etnias do Senegal os *niominka* e os *sérères*.

filiações. Podemos enxergar uma lógica de “divisor de águas” que evoca diferença.

Há neste trecho a tentativa da tradução do efeito, para que essas expressões proverbiais tivessem uma forma concisa e um tom de conselho, que é característico desse uso da linguagem. Optamos pelo singular nos dois elementos “terres, eaux/chão, água”, assim mantendo uma linguagem que reflete a fluidez que os provérbios geralmente possuem.

Fatou utiliza a lógica da água, ainda via comparação “Tels des égouts dans les souterrains d’une ville, ces souvenirs déferlaient en moi” (DIOME, 2001, p. 29) (Assim como o esgoto subterrâneo de uma cidade, essas lembranças jorravam em mim). Mostrando um outro aspecto do elemento água que se relaciona com seus sentimentos após a cena de violência com Pa-Dioulé.

Para construir a expressão proverbial “cada zebra conserva suas listras” buscamos transmitir a ideia de disparidade entre as vestimentas, complementando a ideia do quadro 6. Neste caso, a narradora utiliza o domínio animal, o que reforça o tom sarcástico. As listras funcionam na lógica da “DESIGUALDADE É UMA MARCA” do quadro 1, já que servem de elemento que distingue as classes sociais.

Original	Tradução
Il fallait beaucoup de sueur pour désaltérer l’année scolaire. Le lion se désaltère du sang des biches, et les lionceaux lèchent l’herbe ensanglantée (DIOME, 2001, p. 26)	Era necessário muito suor para sustentar o ano escolar. O leão se sustenta com o sangue dos cervos, e os filhotes lambem a relva ensanguentada.

Quadro 12: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”.

No quadro 12, encontramos uma das maiores dificuldades na nossa tradução que pôde ser solucionada ao conseguirmos compreender o elemento “sueur/suor” do obstáculo para ser bem sucedida na escola e sua ligação com o domínio animal do sangue que sustenta os animais.

O ano escolar, criando aqui um paralelismo com os predadores, é algo cruel. Seguindo a tendência que Fatou cria de usar o domínio dos animais como forma da narradora compreender o mundo cheio de dificuldades e injustiças ao seu redor.

Ao tentar explicar sua vida dura, a narradora imagina-se no papel do cervo indefeso que será consumido, que alimentará os caçadores, e assim ela enxerga a saída para ser bem sucedida, dar seu suor para conseguir o que quer. Podemos entender essa metáfora como se originando de “A VIDA É UMA LUTA”, pois lutamos cada dia/ lutamos para sobreviver e vencemos na vida, por exemplo.

Optamos por utilizar “sustentar” em nossa tradução, apesar de perdermos a ligação mais imediata que o par “désalterer/saciar” teria, ao não nos prendermos à forma, à estranheza do verbo, mas sim à ideia que a metáfora está tentando nos passar, a da estudante que luta para manter seus estudos servindo de “pau-para-toda-obra”.

“Sustentar”, segundo o dicionário *Houaiss* (2009), evoca imagens que se encaixam nesse contexto: nutrir, resistir e garantir meios para continuar uma atividade. Assim, transmitimos o sentido construído e também mantemos a ligação entre campos lexicais do mundo animal e da dificuldade de continuar uma atividade, que à primeira vista causa certa estranheza ao leitor.

A imagem dos animais ainda serve para anunciar a sina à qual o cervo (a estudante) fora sujeitado pelo leão e seus filhotes (o patriarca e os filhos mais velhos).

Original	Tradução
Bonjour ma fille, dit-elle, l’aumône ne donnera pas la clef du paradis à tes hôtes, ajouta-t-elle plaintive avant de poursuivre véhémente : ils sont plus avares que le squelette de leur premier ancêtre et ils portent un bois de teck à la place du coeur ; dire que je me rebaisse à chanter pour eux ! » (p. 32)	— Bom dia, minha filha — respondeu ela. A esmola não vai dar a chave do paraíso pros seus anfitriões — acrescentou chorosa, antes de continuar com veemência: são mais avarentos que o esqueleto do primeiro antepassado deles e carregam um tronco de teca no lugar do coração; e pensar que me rebaixo a cantar pra eles!

Quadro 13: Trecho da novela “La mendiante et l’écolière”.

No quadro 13, temos a ideia da avareza da família que acolhe a protagonista e que se recusa a dar esmola para Codou.

A narradora busca algo da natureza, a madeira de teca (elemento concreto), conhecida por sua qualidade na construção de móveis e embarcações para compreender a avareza (elemento abstrato). Assim, a narradora constrói um paralelo entre um sentimento que para a cultura brasileira poderia representar expressões como sem coração/ coração duro.

Utilizar pedra poderia trazer o sentido, porém perderíamos o efeito de surpresa pela especificidade desse uso. Pensamos que mantendo essa especificidade no português traríamos um efeito de compreensão quanto à dureza do material, mas também a curiosidade evocada pelo uso do elemento.

5.4 Corpo

Nesta subseção, iremos nos debruçar sobre 3 usos metafóricos que têm elementos corporais como centrais para compreender domínios menos delineados.

Original	Tradução
Tout en marchant vers le centre d'examen, je sentais les fissures de mon cerveau, je priais pour rester étanche. Il fallait éviter la fuite de ma charge scolaire, ce serait affreux de perdre mon stock de l'année.(p. 46)	Enquanto caminhava para o local do exame, sentia as fissuras do meu cérebro, rezava para continuar estanque. Era preciso evitar o vazamento da carga escolar, seria horrível perder minha bagagem do ano.

Quadro 14: Trecho da novela "Mariage volé"

No quadro 14, encontramos novamente a estudante da novela "Mariage volé", desta vez ela se prepara para passar pelo exame do *bac* de literatura. O tempo segue semelhante para a protagonista, com um sol intenso "Évitant le sable ardent" (Diome, 2001, p. 46) (Evitando a areia escaldante). Após estudar muito a estudante espera conseguir se lembrar de todas as informações importantes para o momento da prova.

Dessa forma, ela reza para que seu cérebro consiga aguentar, usando o domínio de um objeto que pode se romper. Assim, podemos pensar nesta metáfora como "A MENTE É UM RECIPIENTE", metáfora já registrada (MIND IS A CONTAINER) por

Lakoff & Johnson ([1980] 1984, p. 148, tradução nossa), pois, podemos enchê-la e ela pode se cansar devido ao tempo e intensidade do uso. Fatou utiliza essa mesma metáfora no quadro 7, onde a estudante sentia seu cérebro ser envolvido pelo lenço negro.

Fatou utiliza "cerveau/cérebro", que tem efeito de uma maior proximidade com o corpo, porém por meio de uma metonímia (cérebro-mente) ainda podemos pensar que a autora constrói um entendimento sobre o cérebro através da metáfora conceptual da mente como um recipiente. No português por vezes usamos, cérebro, cabeça e mente como sinônimos por serem de um domínio próximo.

Procuramos então utilizar palavras que retomassem o domínio de um objeto, como "estanque" e "vazamento". A escolha por "fissuras" se deu pela riqueza semântica da palavra, segundo o Aulete Digital, aproxima-se do domínio do corpo, então, considerando o contexto, pareceu-nos uma boa escolha.

Original	Tradução
J'ai souvent mijoté les images de ce jour. La traîtrise de la mémoire ne les empêche pas de bouillir. (p. 51)	Muitas vezes cozinhei as imagens daquele dia. A traição da memória não as impede de ferver.

Quadro 15: Trecho da novela "Mariage volé"

No quadro 15, percebemos a tentativa de delinear o domínio abstrato (memória) a partir do domínio concreto (culinária). O parágrafo ao qual o trecho pertence é rico em mistura de imagens com domínio da terra e da arqueologia: "Étrange magma que celui de notre vie, sédiments d'histoires. L'archéologue gratte le sol [...]" (DIOME, 2001, p. 51) (Estranho magma esse da nossa vida, sedimentos de histórias. O arqueólogo raspa o estrato).

A imagem de "cozinhar" e "ferver" conversa com um elemento recorrente nesta novela, o clima quente do dia do *bac*. Nossa opção por "ferver" se deu pela visualização de que "*bouillir*" passa na mente do leitor a imagem da água que ao esquentar faz os alimentos subirem. Como a narradora indica "L'arôme du thé monte avec la culbute des feuilles" (DIOME, 2001, p. 51) (O aroma do chá sobe com a cambalhota das folhas), também sobe a memória, que vem à tona, de forma intensa e desordenada.

Buscamos em nossa tradução manter os elementos o mais próximo ao sentido do

original, mas também buscamos transmitir o efeito divertido que esta imagem traz em relação ao parágrafo que inicia, já que as imagens de Fatou rompem a expectativa do leitor. Optamos por manter um grau de estranheza na tradução de “traîtrise/traição” por possuirmos no português a expressão: a memória traiu. A memória é vista como algo que escapa facilmente, algo infiel e pouco delineado que pode nos acometer sem querermos, como uma traição que foge de nosso controle.

O domínio da culinária e especialmente o do chá foi usado pela narradora para evocar um elemento sinestésico, da mistura do auditivo com o elemento cognitivo, o barulho que a chaleira faz é um dos elementos que evoca na narradora as memórias do dia do exame.

Original	Tradução
Intérieurment, je remerciai Dieu de ne m’avoir pas marquée du sceau de la gêne ou de la colère. (p. 93)	Por dentro, agradeci a Deus por não ter colocado em mim o selo da vergonha ou da raiva. Ao menos, minha pele sempre mantém a dignidade.

Quadro 16: Trecho da novela “La préférence nationale”

No quadro 16, podemos observar, assim como no quadro 1 (subseção Cultura), que a narradora utiliza a imagem de uma marca, desta vez uma marca de diferença entre a cor de pele da caixa de supermercado e a da estudante em busca de emprego. Também percebemos tal diferença na forma de identificação no quadro 5 (subseção Cultura).

Neste trecho, porém a narradora não apenas busca explorar a diferença entre a cor da pele, mas também busca mostrar como se defende diante do ataque verbal da outra mulher. “Selo” transmite o sentido de algum objeto mantido em segredo que seria exatamente a tentativa da estudante de conter seus sentimentos para não se subjugar.

Optamos por traduzir “sceau” por “selo”, pois assim nossa metáfora possuiria o mesmo nível de sentido, já que o leitor brasileiro tem acesso ao contexto em que a narradora entende a dignidade por meio de algo concreto e exterior. Assim, poderíamos pensar também na possibilidade de “DIGNIDADE É UMA DEFESA”, pois podemos manter a dignidade em ataques físicos ou verbais. A narradora agradece por

sua pele ser protegida contra esses ataques.

CONCLUSÃO

Almejamos oferecer um trabalho reflexivo sobre como traduzir as metáforas, ao buscarmos compreender o contexto e retransmitir nossa interpretação em uma forma que fosse idiomática, ao mesmo tempo, mantendo o efeito daquela imagem no texto.

Trabalhar com os aportes teóricos da teoria do sentido e da teoria da metáfora conceptual foi importante, pois, acreditamos que eles nos permitiram uma perspectiva que busca além da forma do original e de uma tradução descontextualizada — a famosa "transcodificação" (LEDERER, [1994] 2015). O que é extremamente importante em qualquer texto, mas especialmente o texto literário.

As perguntas norteadoras apresentadas na seção "análise" (por que as metáforas utilizadas por Fatou Diome causam estranhamento, como ela utiliza essas metáforas para traçar críticas?) ainda se mantêm abertas, pelo caráter interpretativo da tradução. Porém, ao longo de nosso trabalho percebemos — ao passar do olhar de leitor (no primeiro contato com a obra) para o olhar do tradutor, a partir do qual buscamos fazer conexões intratextuais e extratextuais — que esse estranhamento se origina da fragmentação do texto. Ou seja, quando conseguimos mergulhar na obra com a perspectiva atenta a ambos os contextos, a compreensão é facilitada.

Buscamos resgatar em nossas metáforas o tom sarcástico que é frequentemente empregado pela autora. Poderíamos pensar nesse tom como a origem dos domínios peculiares que Fatou emprega na descrição de suas protagonistas, já que elas raramente têm direito à fala.

Com nossa análise, que poderia se estender por outros elementos metafóricos nas novelas, buscamos atingir um escopo suficientemente amplo, para apresentar uma das riquezas desta obra e sua potencialidade na tradução de metáforas, incluindo expressões proverbiais.

Com isso, ambicionamos oferecer nossa contribuição à área de Estudos da Tradução e aos futuros trabalhos que venham a tratar de Fatou Diome e seus usos criativos das metáforas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIOME, F. *Kétala*. Paris: Anne Carrière/Flammarion, 2006.

DIOME, F. *La préférénce nationale et autres nouvelles.* 6ed. Paris: Anne Carrière/Flammarion, 2001.

DIOME, F. *Les veilleurs de Sangomar.* Paris: Albin Michel, 2019.

DIOME, F. O Ventre do Atlântico. Trad. SILVA, Regina Célia Domingues da. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

DIOUF, M. “J’écris pour apprendre à vivre” : Entretien avec fatou Diome. *Stichproben.* Viena Journal of African Studies : Universidade de Viena. N. 17, 2009, 137-151. Disponível em: < https://stichproben.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/p_stichproben/Artikel/Nummer17/17_12_Interview_Diouf.pdf >. Acesso em: 3 de out. 2019.

GLINGA, W. La nouvelle africaine dans les années 80. In: Notre Librairie, n. 78, Jan/Mar. 1985.

HAMPÂTÉ, A., B. "Kaïdara". In: Contes initiatiques peuls. Paris: Stock, 1994.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by.* Chicago, London: The University of Chicago Press, [1980] 1984.

LEDERER, M. *La traduction aujourd'hui:* Le modèle interprétatif. Paris: Lettres Modernes Minar, [1994] 2015.

LEDERER, M. et al. Les problèmes pratiques de la traduction. In: La traduction aujourd’hui: Le modele intérpretatif. Paris: Lettres Modernes Minar, [1994] 2015. Trad. FRAUCHES, M. GIESBRECHT, P., VILLELA, A., GUEDES, M. (org.). Os problemas práticos da tradução. *Ipotesi.* Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 170-186, jul./dez. 2019.

MABANCKOU, A. Le chant de l’oiseau. In: BRIS, M., ROUARD, J. *Pour une littérature-monde*. Paris: Gallimard, 2007. p. 55-66.

MACHADO, F., M. Estórias da áfrica subsaariana dos contos da literatura oral às novelas contemporâneas. Dissertação (Pós-Doutorado). FFLCH, Universidade de São Paulo. 2015.

MACHADO, F., M. O conto, a novela e o presente na literatura africana francófona. *Revista Áfricas.* Bahia: UNEB, v. 3, n. 5, p. 7-23, jan/jun. 2016. Disponível em: < https://www.revistas.uneb.br/index.php/africas/index >. Acesso em: 13 de mai. 2020.

MARTIN, S. *Lisible et risible*: Les noms et les titres sarcastiques dans une traduction

anglaise de La Préférence Nationale de Fatou Diome. Dissertação (Mestrado). Departamento de Estudos Franceses e Hispânicos. Canadá: Memorial University, 2014.

MINISTERIO DO INTERIOR. Disponível em <https://www.immigration.interieur.gouv.fr/Archives/Les-archives-du-site/Archives-Integration/Historique-du-droit-de-la-nationalite-francaise>.Acesso em 07/02/2021.

OLIVEIRA, J., P., de. Novela: um gênero polêmico. *Albuquerque: Revista de História.* Campo Grande: UFMS, v. 2, n. 3, p. 135-153, jan/jun. 2010. Disponível em < https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/about >. Acesso: 26 set. 2019.

PAGURA, R. J. A teoria interpretativa da tradução (théorie du sens) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. v. 19, nov., p. 92-108, 2012. Disponível em: < https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47347>. Acesso: 20 ago. 2019.